

ACESSANDO UM PASSADO INACESSÍVEL: A APRESENTAÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA EM W.G. SEBALD

[ACCESSING AN INACCESSIBLE PAST:
THE DIALECTICAL PRESENTATION OF HISTORY IN W.G. SEBALD]

Beatriz Malcherⁱ

ORCID 0000-0003-4077-3860

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: A partir de uma leitura interna de *Os Anéis de Saturno*, de W.G. Sebald, este artigo procura demonstrar como o autor aplica à História o princípio da montagem dialética através de uma perspectiva de temporalidade onde o presente é posto em evidência a partir de sua relação polarizante com o passado – sem, no entanto, recorrer ao presenteísmo. Este estudo permite observar, portanto, como, fazendo uso da contradição e renovando modelos dialéticos de leitura da História, Sebald desenvolve uma forma capaz de responder criticamente às tendências totalizantes e simplificadoras levadas adiante por seus contemporâneos.

Palavras-chave: W.G. Sebald, Os Anéis de Saturno, Montagem dialética, Ustasha, Guerra Civil Iugoslava

Abstract: From an internal reading of *The Rings of Saturn*, by W.G. Sebald, this article aims to demonstrate how the author applies to History the principle of dialectical montage, through a perspective of temporality where the present is highlighted from its polarizing relationship with the past - without, however, resorting to presenteeism. This study allows us to observe, therefore, how, using the contradiction and renewing dialectical models of reading the historical processes, Sebald develops an aesthetics capable of critically respond the totalizing and simplifying tendencies carried out by his contemporaries.

Keywords: W.G. Sebald, The Rings of Saturn, dialectical montage, Ustasha, Yugoslavian Civil War

“Se as imagens do presente não mudam, mude as imagens do passado.”

Chris Marker, *Sans Soleil*

Em um ensaio sobre Henry James, Joseph Conrad pensa o escritor como um tipo de historiador que, partindo do princípio da verossimilhança decorrente de sua observação dos fenômenos sociais, consegue desvelar outras camadas da História que o historiador historicista não conseguiria, de modo que o que é verossímil estaria mais próximo ao real do que o factual (SILVA MELLO, 2014). A percepção de Conrad, anos depois encontrará ressonância na proposição benjaminiana de que o passado jamais pode ser apreendido como ele foi propriamente – ou seja, da maneira que desejam os pretensos historiadores neutros. O que importa é “capturar uma imagem do passado” da maneira que ela “se coloca para o sujeito histórico” (BENJAMIN, 2005, p. 65). Assim, proposições como as de Conrad e Benjamin demonstram como a literatura de ficção, quando comprometida com a exposição séria do real, conseguiria propor novos desafios e visões sobre a História, desestabilizando-a de seu sentido reificado moderno.

W.G. Sebald (1944-2011), leitor tanto de Conrad quanto de Benjamin, parece seguir por esse mesmo caminho, propondo uma leitura dos processos históricos em curso por meio e a partir das contradições que estão dadas na realidade, desvelando novas camadas da História moderna para além do “conformismo que está na imanência de subjugar-la” (Idem, p.65). Partindo de uma leitura interna de seu livro *Os Anéis de Saturno* (1995), o presente artigo pretende demonstrar como o autor, a partir de uma reconfiguração de métodos dialéticos da apresentação da História, procura repensá-la por meio de dois procedimentos simultâneos e complementares: o de redefinir a história como processo, e o de colocar o presente como ponto referencial, mesmo que de maneira tangencial.

Essa recuperação da dialética como método de leitura da história, dado o contexto de elaboração do livro, seria uma maneira de responder e se localizar em relação à uma tendência, contemporânea ao autor, de negação da própria dialética. Sebald escreve suas prosas de ficção em um contexto onde a História passa a ser coletivamente experimentada de uma nova maneira, e distintos autores criam suas teorias a esse respeito: desde a ideia de uma superação da modernidade, como no “pós-moderno” de Lyotard (1979) – onde o

“narratório” e o testemunhal reconfiguram a relação de assimilação do passado (LYOTARD, 2009) –, passando pela noção de futuro catastrófico (BECK, 1986), até chegar às percepções que promoveram o fim da história (FUKUYAMA, 1992), ao longo das décadas finais do século XX surgiram as mais diferentes interpretações que tentaram dar sentido à uma nova percepção de história, na qual futuro e passado parecem aprisionamentos e a “possibilidade de autodestruição coletiva do homem se tornou condição permanente de nossa existência” (GUMBRECHT, 2014, p. 255).

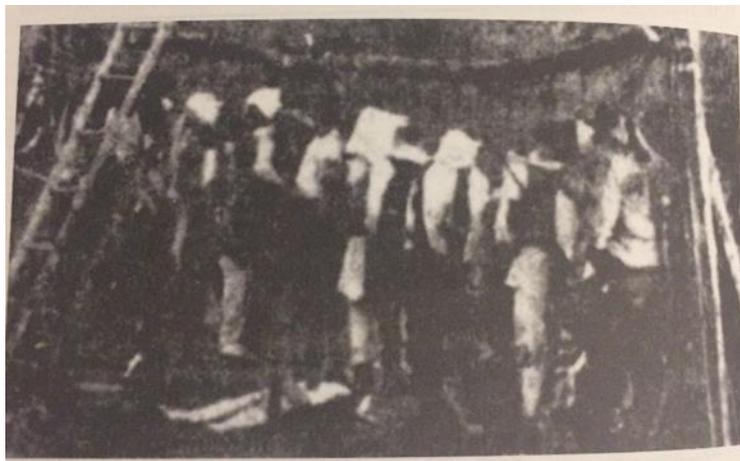
É evidente, portanto, que Sebald acaba partindo de diagnóstico similar ao de seus contemporâneos, suspeitando igualmente da “viabilidade da construção do tempo” por eles herdada (Idem, p. 302) e duvidando da instrumentalização da racionalidade que desembocou em um cientificismo totalizante. No entanto, em uma época onde as soluções e respostas para essa “crise” pareciam – e ainda parecem – um tanto quanto simplistas, quando não reificantes, *Os Anéis de Saturno* Sebald tenta dar um prognóstico próprio, indo de (re)encontro e atualizando modelos dialéticos de leitura da História, para tentar responder às suas questões contemporâneas, como demonstrarei a seguir.

Articulação crítica do passado

Uma passagem do livro, em particular, é bastante exemplar para expor como a apresentação dialética da História acontece ao longo do livro. Trata-se de um momento específico do capítulo IV, quando o narrador se encontra em um hotel em Southwold, no litoral leste inglês. Após ter passado a tarde em uma sala de leitura, na qual leu um compêndio sobre a Primeira Guerra Mundial – se concentrando especialmente na região dos Balcãs –, ele retorna ao seu hotel, onde folheia a edição de domingo do *Independent*, no qual se depara com um artigo que guardava relação direta com as fotos dos Balcãs que vira no *Reading Room*. A partir daí faz uma longa exposição da matéria lida:

O artigo, que falava dos expurgos realizados cinquenta anos antes na Bósnia pela Croácia em acordo com alemães e austríacos, começava com uma imagem tirada para fins recreativos por milicianos croatas da Ustasha – que se encontravam no melhor dos espíritos, parte deles fazendo pose heroica –, na qual estes camaradas cortam a cabeça de um sérvio chamado Branco Jungic. Uma segunda foto, aparentemente tirada de brincadeira, mostra a cabeça, que já está separada do corpo, com um cigarro pendurado nos lábios entreabertos pelo último grito de dor. Essa cena aconteceu no Lager de Jasenovac, em Sava, no qual setecentos mil homens, mulheres e crianças foram mortos por métodos que deixavam de cabelo em pé até mesmo os especialistas do grande *Reich* alemão, como ocasionalmente diziam no círculo interno. Os instrumentos mais utilizados para a execução eram serras,

sabres, machados, martelos e algemas de couro com lâminas afiveladas ao antebraço elaboradas em Solingen especialmente para cortar gargantas, bem como uma força transversal primitiva, na qual sérvios, judeus e bósnios, etnias distintas juntadas em um só grupo, eram enforcados em fileiras, como gralhas.



Não mais do que quinze quilômetros de Jasenovac havia ainda os *Lager* de Prijedor, Stara Gradiska e Banja Luka, nos quais a milícia croata, fortalecida pela *Wehrmacht* e pelo espírito da Igreja Católica, realizava diariamente um trabalho semelhante. Segundo o autor do artigo de 1992, a história deste massacre, que durou anos, foi registrada em cinquenta mil documentos que foram abandonados por croatas e alemães em 1945, guardados até hoje no arquivo Bosanske Krajine de Banja Luka, que está – ou estava – numa caserna onde a inteligência do *Heeresgruppe E* estabeleceu o seu quartel. Não há dúvidas que quem passou por ali sabia de algum modo de tudo que acontecia nos *Lager* da Ustasha, assim como também sabia das coisas inéditas que ocorreram no decurso da campanha Kozara contra os partidários de Tito, em que entre sessenta e noventa mil pessoas foram mortas pelos chamados atos de guerra, sendo executados ou mortos em decorrência da deportação. A população feminina de Kozara foi levada para a Alemanha, onde a maior parte foi desmantelada no sistema de trabalho forçado que se estendeu por todo o *Reich*. A milícia matou metade das vinte e três mil crianças abandonadas, enquanto o restante foi recolhido de diversos lugares para ser enviado para a Croácia. Não foram poucas destas que morreram de tifo, exaustão ou medo antes mesmo de chegar na capital. Das que chegaram com vida, muitas, por fome e desespero, comeram a cartela de papelão que levavam no pescoço, extinguindo seu próprio nome. Mais tarde foram adotadas por famílias croatas católicas, fazendo confissão e primeira eucaristia. Como as outras crianças, aprenderam a tabuada socialista nas escolas, escolheram uma profissão, tornando-se ferroviários, vendedores, serralheiros ou contadores. Mas o tipo de memória que eles carregam até hoje, ninguém sabe. (SEBALD, 1997, p. 119-122, tradução minha)

O longo trecho acima, em um primeiro momento, parece destoar do tom geral do livro, cuja tendência é de não detalhar atos bárbaros. Levando em conta o fato de o autor se posicionar estética e eticamente contra uma tendência de fruição espetacular da guerra e da barbárie (SEBALD, 2011), não deixa de ser curiosa a destoante descrição tão direta a respeito da Ustasha. No entanto, a diferença no trato deste acontecimento específico me parece intencional, desempenhando um papel determinante na leitura dialética da História

feita pelo autor. Para entender como isso se dá, será significativo levar em conta algumas reflexões desenvolvidas por Benjamin em seu *Passagen-Werk* e em alguns ensaios do mesmo período.

Sebald parece concordar com Benjamin em sua consideração de que o método surge a partir do objeto, e não ao contrário (BENJAMIN, 2018). Assim, a aparente excessiva estetização tem sentido dado o objeto aqui trabalhado. Explico: a *Shoah* é um dos principais temas que habitam a obra de Sebald, sendo o ponto de chegada de *Os Anéis de Saturno*. E, apesar da conspiração do silêncio que ocorreu na Alemanha no pós-guerra, por muito tempo deixando a população local desinformada a respeito dos crimes cometidos pelo Estado (HUYSSSEN, 2014), houve, da década de 1960 em diante, um trabalho sistemático, não apenas de tentativa de reparação, mas também de recuperação e manutenção da memória da *Shoah* (NOVICK, 2000). Além disso, a condenação de parte dos principais comandantes e especialistas do *Reich* foi uma página importante no processo de tentativa de reparação e de reconfiguração das narrativas públicas sobre o nacional-socialismo (Idem; ALEXANDER, 2003; LEYS, 2007). Hoje não existe quem desconheça o que foi o “Holocausto” e quem não faça a conexão imediata entre os nazistas e o genocídio de judeus europeus. Isto posto, a apresentação e exploração deste objeto por Sebald não é motivada pela necessidade de informar, mas por um princípio ético de deixar viva uma memória que não pode ser perdida (KLEIN, 2016; BUENO, 2017). Essa abordagem, no entanto, deve ter o cuidado de escapar de uma exploração estetizante, que transformaria a barbárie em objeto de fruição (FINKELSTEIN, 2001).

Por maior que seja a similaridade, o supracitado texto a respeito dos *Lagern* croatas já aborda um outro objeto. Similar ao que ocorreu com o nazismo na Alemanha, dentre a população croata também ocorre uma conspiração do silêncio, onde muito pouco foi divulgado a respeito dos massacres cometidos pela Ustasha sob a liderança de Ante Pavelic. Porém, diferente do caso nazista, cuja memória parece ser constantemente sustentada – mesmo que de maneira muitas vezes problemática (Idem) – o caso dos ustashes é de pouco conhecimento, tanto dentre a população geral quanto dentre especialistas (MIRKOVIC, 2000). E quando raramente abordado, o foco recai quase que exclusivamente nas medidas antissemitas tomadas pelo Estado Independente da Croácia (1941-1945) depois dos exércitos alemão e italiano auxiliarem a sua criação (HILBERG, 2016). Apesar disso, pouco se fala até hoje do genocídio da população sérvia na região,

que foi, para os sérvios similar ao que o Holocausto foi para os judeus em toda a Europa (BOSNITCH, 1997). Essa não é uma afirmação exagerada: a Ustasha foi responsável pelo segundo maior número de perseguições e mortes de grupos étnicos ao longo da Segunda Guerra, atrás apenas da SS (MIRKOVIC, 2000), além de ter sido responsável pelo maior extermínio de uma população local, em termos proporcionais – superando inclusive o *Reich* (DORICH, 1997).

As vítimas da Ustasha foram, em sua ampla maioria, sérvios, seguidos por judeus, comunistas, ciganos e bósnios contrários ao regime de Pavelic, todos perseguidos desde a década de 1930 – apesar da perseguição ter ganhado maior força com a vitória ustashe, apoiada diretamente pela Itália e pela Alemanha, que desembocou na criação de um estado croata fantoche em 1941 (HILBERG, 2016). Como ressaltado no texto de Sebald, a Ustasha tinha métodos de tortura e assassinato próprios, muito distantes do “asseio” dos alemães, que tentavam afastar a barbárie dos olhos de seus soldados. Ou seja, o extermínio em massa via câmaras de gás, método dito “higiênico” pelos nazistas, pouco parece ter em comum com as estratégias narradas por Sebald e confirmadas pelos relatos acerca dos campos ustashes (DORICH, 1997), o que explica o fato da Ustasha conseguir deixar “de cabelo em pé até mesmo os especialistas do grande Reich alemão” (SEBALD, 1997, p. 120). É justamente o esquecimento frente a este evento histórico tão recente e o consequente desconhecimento acerca deste objeto que exige uma aproximação diferenciada. Ou seja, ao falar sobre a Ustasha, Sebald está falando sobre um tema amplamente desconhecido que, portanto, requer uma exposição mais direta e incisiva para trazer à luz uma barbárie esquecida e relegada pela História Oficial.

É evidente, portanto, que isso por si só já estaria em consonância com a visão histórica benjaminiana de escovar a história a contrapelo pela ótica dos vencidos (BENJAMIN, 2005). Não obstante, há outro ponto de contato entre as teorias deste filósofo e a forma trabalhada por Sebald em seu livro que acredito ser de grande relevância: o movimento de apresentação dialética da história. Benjamin entendia que a história deveria ser apresentada de maneira materialista, apresentação esta que permitiria “o passado a colocar o presente numa situação crítica” (BENJAMIN, 2018, p. 780), fugindo de leituras homogêneas do processo histórico através da polarização entre o acontecimento passado e as possibilidades dos acontecimentos futuros, polarização esta que ocorreria na própria atualidade. É o que o autor chama de “*telescopage* do passado

através do presente” (BENJAMIN, 2018, p. 781), processo de articulação histórica do passado sobre a qual o autor fala na sua tese VI sobre o conceito da História:

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante de perigo. (BENJAMIN, 2005, p. 65, grifo meu)

É evidente, porém, que não é uma particularidade da obra de Benjamin a tentativa de colocar o presente em situação crítica: muito pelo contrário, o pensamento deste filósofo resulta de um longo diálogo, direto ou indireto, com seus contemporâneos que pensavam precisamente esta relação. A definição de presente sempre foi um problema primordial da operação histórica no Ocidente, sendo desde a chamada Antiguidade Clássica imbricado à noção de progresso e decadência. Quando o Iluminismo, sob influência do pensamento cartesiano (HORKHEIMER, 2015), tem no progresso o fio condutor da história, o presente passa a ser articulado historicamente com o futuro (valorização positivada do tempo) e contra o passado, que deve ser superado (LE GOFF, 2013).

No entanto, apesar do século XIX ser uma época de otimismo econômico e social na Europa, “as desilusões dos espíritos abatidos pelos efeitos da Revolução” levaram ao surgimento de movimentos contrários à ideologia do progresso, de caráter notadamente reacionário (Idem, p. 208). É o exemplo dos romantismos francês e alemão, que vão alimentar os movimentos nacionalistas, sustentando, na França, o espírito da Restauração (BENJAMIN, 2018) e dando base, na Alemanha, ao que décadas mais tarde se tornou o nacional-socialismo (LE GOFF, 2013). Não obstante esse caráter reacionário mais amplo do movimento romântico, alguns nomes, como Saint-Simon e Fourier, aliam o desencanto com o sentido do progresso com o pensamento revolucionário. Mas é apenas com Marx e Engels que a crítica ao sentido do progresso, despida de seu caráter mitológico romântico, poderá se estruturar via uma materialidade programática (MARX; ENGELS, 2007; MARX, 2013). Apesar do caráter teleológico que direciona o pensamento destes autores, é evidente que foi a partir de sua metodologia dialética de apreensão da história que historiadores, filósofos e demais pensadores puderam rever a forma através da qual passado, presente e futuro eram articulados.

Para além de uma análise social e econômica limitada aos processos imediatos de sua realidade presente, Marx pensa o capital através de um processo histórico que mais tarde será chamado de processo de longa duração, invertendo a relação entre passado e presente: o autor parte de uma análise recorrente do presente, e, a partir de suas estruturas socioeconômicas, entende também as relações de produção do passado. Sendo assim, seu método não seguiria uma cronologia linear, mas partiria do presente para retornar ao passado e, posteriormente, retornar ao presente, que agora poderia ser apreendido com maior clareza (LEFEBVRE, 1968).

Logo, é inegável que o marxismo vai influenciar a reflexão sobre a História na primeira metade do século XX. Inclusive autores que não necessariamente se filiavam ao marxismo teriam ido na esteira de Marx, não medindo esforços para estabelecer novas relações entre presente e passado, para além da falsa dicotomia progresso-reação que marca tanto a historiografia iluminista quanto a historiografia romântica (LE GOFF, 2013). A centralidade do presente na análise histórica atravessa e pode ser observada na obra de autores das mais distintas áreas do pensamento, como, por exemplo, Freud, Eduard Fuchs, Aby Warburg e Erich Auerbach, dentre outros. No entanto, um destaque em especial pode ser dado a Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores do que ficou conhecido como Escola dos *Annales*, que sistematizou uma metodologia de estudo da História tendo no presente o ponto de referência primordial; ou seja, propondo que a História deveria ser lida “ao contrário”. Bloch, em especial, pensava na elaboração de um método de leitura do processo histórico desligado da lógica de causas e consequências, o que seria, para ele, um proceder mecânico que daria à História um caráter mistificante ou, em seus termos, imaginário (BLOCH, 1997), entendendo, ao contrário, que as causas da História “não são postuladas. São buscadas.” (BLOCH, posição 2790), variando de acordo com o referencial. Colocando como ponto referencial o presente, Bloch e Febvre repensam o movimento da história, não procurando totalizá-la, mas buscando a sua presentificação. Para esses autores o problema da história deveria ser ético, antes de ser científico ou epistemológico.

Benjamin maduro, sob *relativa* influência do *Annales* (LÖWY, 2019), vai tratar de uma maneira própria a relação entre progresso e regressão; entre passado e futuro; propondo uma abordagem do tema propriamente dialética, resultante de um longo processo de acúmulo intelectual e crítico. A heterodoxia do filósofo alemão, vai ocasionar

em uma obra múltipla e contraditória que opera uma síntese de pares antitéticos. A afinidade eletiva que ele encontra entre filosofias e *práxis* aparentemente díspares, especialmente entre messianismo e materialismo, se realizam em uma fusão que implica diretamente em sua visão sobre a temporalidade histórica – ao menos se levarmos em conta os textos do filósofo a partir de 1936, onde se operaria uma síntese entre o método materialista dialético e a exegese talmúdica (LÖWY, 2005; 2019). Este processo tornaria sua obra mais complexa e daria uma maior densidade analítica a conceitos caros à sua produção, como “experiência” e “memoração”. O ensaio “Eduard Fuchs: colecionador e Historiador” (1937), as suas teses “Sobre o conceito da história” (1940) e o inacabado *Passagens* (1928-1940) seriam resultados diretos desta reflexão teórico-metodológica.

Sebald atualizaria este modo de articular ou telescopar o passado através do presente. Se retrocedermos um pouco, no mesmo capítulo de *Os Anéis de Saturno*, ao momento onde o narrador-personagem encontra o supracitado compêndio sobre a Primeira Guerra Mundial, podemos notar que aquele documento, publicado em 1933, serviria, segundo a interpretação da personagem, ou “para lembrar a tragédia passada” ou “para advertir da nova que se aproximava” (SEBALD, 2010, p. 101). A frase não funciona na economia interna do livro apenas como uma observação sobre o texto que o narrador encontra, mas também como uma explicação cifrada; quase uma mensagem subliminar que denuncia a intenção da narrativa desenvolvida nas páginas que seguirão – ou seja, no supracitado trecho sobre a Ustasha. Não é por acaso que o que será destacado deste compêndio é a situação nos Balcãs durante a Primeira Guerra, a partir da qual será feito um *link* direto com a matéria do ano de 1992 do jornal *Independent* acerca dos massacres da Ustasha. Há uma explicação evidente para *justamente* a história dos Balcãs chamar mais a atenção do narrador do que as outras, assim como para, em pleno ano de 1992, um jornal britânico estar narrando uma história tão silenciada ao longo das décadas anteriores: a Iugoslávia se encontrava em guerra civil, uma guerra que só terminaria oficialmente na década seguinte, apesar de os primeiros anos dessa guerra, período no qual a narrativa do livro se desenrola (verão de 1992) e o próprio livro é escrito (1995), terem sido os mais conflituosos no que diz respeito aos confrontos entre sérvios e croatas (MIRKOVIC, 2000).

Logo, exposição do caso ustashe não toca apenas um evento histórico passado relegado, mas principalmente articula este passado “como ele lampeja no instante de

perigo” (BENJAMIN, 2005, p. 65), sendo este instante o presente imediato de elaboração do livro; o conflito entre sérvios e croatas. Para tal, não é necessário que o autor ressalte explicitamente a contemporaneidade do assunto ali debatido, exatamente porque a guerra iugoslava era um assunto amplamente tratado na imprensa internacional (MIRKOVIC, 2000). A abordagem necessária, no entanto, é a de fazer a leitura a contrapelo da narrativa da guerra em curso, especialmente daquela feita por grande parte da mídia Ocidental que encarava, no período, a guerra a partir da perspectiva unilateral do separatismo croata e bósnio.

A derrota da Ustasha em 1945 representou também a vitória do general Tito e do socialismo iugoslavo (dito sérvio, apesar de liderado por um croata) sobre o fascismo (dito católico/croata e mulçumano/bósnio, apoiado e sustentado pelo Terceiro *Reich*). Por conta da bagagem histórica que o nacionalismo croata trazia – dada a recente história da Ustasha –, ao longo do tempo, Tito sufocou violentamente distintos levantes separatistas croatas. Mas, com a morte de Tito, os movimentos separatistas croatas e bósnios ganharam mais força, desencadeando uma série de acontecimentos históricos que desembocaram na guerra da década de 1990. A narrativa midiática ocidental durante a guerra da Iugoslávia se apoiou fortemente nos dados históricos do período de Tito, ou seja, na perseguição contra croatas e bósnios, tratando como um problema unicamente étnico, e ignorando o fato de se tratar de um grupo socialista pós-Guerra Fria e de um grupo formado por alguns integrantes ligados ao remanescente movimento fascista. Isto posto, foi dado, em muitos momentos, um trato unilateral à questão étnica, apresentando os bósnios e croatas como um grupo étnico historicamente perseguido e a resposta violenta dos sérvios aos movimentos separatistas croatas e bósnios como uma continuação da perseguição ocorrida ao longo das décadas de Tito (MIRKOVIC, 2000).

Ao escovar a história a contrapelo, Sebald confronta o seu próprio presente – onde se produzia uma leitura específica do processo histórico – com um lampejo do passado, para utilizar os termos do Benjamin. Ou seja, ao apresentar a perseguição sofrida pelos sérvios e comunistas pelos nacionalistas croatas, o autor desestabiliza a narrativa oficial que limitava a situação à “perseguição étnica”, e, sem tomar partido na guerra em curso ao lado dos sérvios, mostra como esse passado recalcado lampejaria no presente a partir de uma resposta violenta sérvia, dando aos eventos uma densidade e reduzindo-os da dinâmica maniqueísta que um identitarismo não-dialético costuma ter. A referência ao

presente como desrealização desse passado apareceria em Sebald na supracitada afirmativa sobre as crianças sérvias deportadas durante a Segunda Guerra Mundial – que vivem como croatas e, portanto, se colocam, sem saber, em guerra contra a sua própria “etnia”: “o tipo de memória que eles carregam até hoje, ninguém sabe” (SEBALD, 1997, p. 122).

Este movimento de apresentação do processo histórico desenvolvido por Sebald seria, portanto, extremamente próximo ao que Benjamin entendia como a função do método materialista para o descortinamento da História:

Ele [o materialista histórico] arranca a época à continuidade histórica reificada [...] se dirige a uma consciência do presente que destrói o contínuo da história. A compreensão histórica é entendida pelo materialista histórico como pós-vida do objeto de compreensão, cujo pulsar se faz sentir até o presente. (BENJAMIN, 2012, posição 1898)

Colocando o presente como ponto de referência para a leitura da história, portanto, o método benjaminiano de exposição dialética da história pretende renunciar a atitude contemplativa do historicismo moderno propondo, em seu lugar, que “a obra do passado não está consumada nem fechada” (BENJAMIN, posição 2027). O passado não consumado é o passado aberto; é um passado vivo; parte constitutiva do presente. E, apesar disso, é também um passado inalcançável; irrecuperável (Idem). Assim, não é possível, como fez por tanto tempo o historicismo iluminista, tentar apresentá-lo em sua integridade. Seria função do materialista dialético reconhecer esse caráter contraditório da História, onde o passado, aberto, se encontra concomitantemente presente (por não estar consumado) e ausente (por ser irrecuperável em sua totalidade). Apenas o reconhecimento desta contradição que permite o processo de telescopagem; de leitura do passado como ele se apresenta ao sujeito histórico do presente (BENJAMIN, 2018).

Em Benjamin, essa recuperação do passado é feita, por sua vez, através da rememoração. É sabido que este conceito, utilizado por Benjamin ao longo de grande parte de sua trajetória, é resultado de suas leituras de Proust (2012b). Utilizado em muitos de seus mais célebres ensaios, a rememoração em Benjamin serviria para reinterpretar o acontecimento vivido, liberando-o de sua finitude. Para a leitura dos processos históricos, em particular, a rememoração se direciona à experiência coletiva, material e histórica em um sentido amplo. A tarefa do materialista dialético, para Benjamin, no entanto, não deixa de ser a mesma tarefa do melancólico indivíduo rememorante proustiano que, frente à intransmissibilidade da experiência na modernidade, vai ao encontro do tempo perdido em uma tentativa de presentificá-lo (Idem). Essa intransmissibilidade da experiência é

recuperada por Sebald no decorrer de sua obra, sendo um exemplo representativo este, quando o narrador de *Os Anéis de Saturno* propõe que *ninguém* sabe o tipo de memória que as vítimas sobreviventes do massacre da Ustasha carregam até hoje.

Mas se essa experiência do passado é intransmissível e irrecuperável, é essencial o reconhecimento de seus lampejos; das imagens deste passado intencionadas no presente, invertendo a revolução copernicana da visão histórica: ao invés de fixar como ponto fixo o ocorrido (o passado) e conferir ao presente o esforço de se aproximar tateante de seu conhecimento, Benjamin propõe ter no presente – o que chama de mundo da vigília – o ponto fixo ao qual o passado – o sonho – se refere (BENJAMIN, 2018). Este tipo de inversão não apenas despe a história de seu caráter mistificador, como também trata de romper com a ideologia do progresso. Se entendemos que Sebald atualiza esta inversão, é evidente que a sua leitura da História é menos a de uma exposição reflexiva sobre o passado, e mais uma rememoração do passado a partir desta imagem que se presentifica. Se a memória que as vítimas da Ustasha carregam é intransmissível como experiência, ela é lampejante como parte constitutiva do presente imediato dos personagens da Guerra da Iugoslávia de 1990 – e a rememoração coletiva, via apresentação dialética da história, é justamente o que permite Sebald descortinar o sentido desta presentificação. Além disso, pensar a presentificação através das crianças sérvias da década de 1940 – adultos em 1990 – pela lógica do desrecalque é também propor uma desestabilização da história de seu caráter racional, o que já estaria, antes de Benjamin, em Marc Bloch:

Portanto, acreditamos compreender estes homens estudando-os apenas em suas reações diante das circunstâncias particulares de um momento? Mesmo para o que eles são nesse momento, a experiência será insuficiente. Muitas virtualidades provisoriamente pouco aparentes, mas que, a cada instante, podem despertar, muitos motores, mais ou menos inconscientes das atitudes individuais ou coletivas permanecerão na sombra. (BLOCH, 1997, posição 1035)

A aproximação entre Sebald e Bloch, nesse sentido, está na impossibilidade de apreender a história a partir de uma lógica totalizante de causas e consequências, já que ambos parecem considerar que a ação do homem na História muitas vezes é motivada por fatores outros para além daqueles lógicos e racionais – como a moral, o medo, a superstição, a cobiça, certas questões psicológicas, etc. Ou seja, a lógica de causa e consequência serviria mais à justificativa ideológica de certas ações no percurso do tempo do que propriamente às intenções do ator. Assim, em *Os Anéis de Saturno*, a experiência

e a ação daquelas vítimas da Ustasha, no momento de composição do livro já adultos combatentes, não se limitariam às explicações lógicas e objetivas que embasariam a guerra em curso, mas também seriam compostas de elementos de ordem irracional, inconsciente e pouco aparente.

Mas não é apenas a partir da complexa relação entre experiência intransmissível e rememoração coletiva que a presentificação se realiza: outro trecho que vale destacar na longa citação feita anteriormente de *Os Anéis de Saturno* também desempenharia esta função. Retomemos o momento quando o narrador explicita que os documentos que evidenciam as atrocidades cometidas pela Ustasha estariam “guardados até hoje no arquivo Bosanske Krajine de Banjia Luka, que está – *ou estava* – numa caserna onde a inteligência do *Heeresgruppe E* estabeleceu o seu quartel” (SEBALD, 1997, p. 121, grifo meu). Este “*ou estava*” também seria uma referência direta ao contexto da guerra civil, já que, levando em conta o contexto em que o livro foi escrito, existiria a possibilidade de, entre o ano de 1992, quando o artigo de jornal foi publicado, e 1994-1995, quando as notas de viagem do narrador são organizadas, os documentos de fato não estarem mais nesta caserna, sendo transferidos ou mesmo destruídos em decorrência da guerra.

É desta maneira, sempre indireta e cifrada, que o presente participa de *Os Anéis de Saturno*. Este acesso indireto e mediado às questões é recorrente na forma de construção deste livro, ocorrendo em outros momentos a respeito de outros eventos histórico e levando em conta outras temporalidades. Nesta longa passagem sobre os Balcãs este movimento é realizado através dessa apresentação dialética da história que parece atualizar modelos dialéticos de leitura da história via telescopagem do passado no presente. Em algumas passagens, porém, o autor parece ser mais explícito. Cabe, para exemplificar, dar continuidade ao trecho de *Os Anéis de Saturno* que apresentei no início deste artigo:

Aliás, cabe aqui notar também quem, entre os oficiais da inteligência do Heeresgruppe E daquela época, havia um jovem jurista vienense cuja tarefa principal era conceber memorandos referentes às recolonizações a serem postas em prática com a máxima urgência, por questões humanitárias. Graças a esses louváveis trabalhos escritos, lhe foi outorgada pelo chefe de estado croata, Ante Pavelic a medalha de prata da coroa do rei Zvonimir, com folhas de carvalho. Nos anos do pós-guerra, dizem, esse oficial ascendeu a vários postos elevados, entre eles o de secretário-geral das Nações Unidas. (SEBALD, 2010, p. 105-106)

Em 1994 o Papa João Paulo II concedeu a Kurt Waldheim, ex-secretário-geral das Nações Unidas e ex-presidente austríaco – cujo mandato terminara em 1992, ano em que a ação do *Os Anéis de Saturno* se desenrola –, o título de cavaleiro da ordem de Pio IX de virtude e mérito. Tal título, assim como sua ascensão ao posto de secretário-geral da ONU e a presidente austríaco democraticamente eleito, foi alvo de grande polêmica na época por causa de sua participação ativa na Segunda Guerra mundial no *Heeresgruppe E* – participação esta que, como descrito por Sebald, fora reconhecida até mesmo pelo presidente da Croácia e líder da Ustasha, Pavelic.

O *Heeresgruppe E* foi um grupo especial enviado pelo *Reich* para supervisionar a extradição dos sérvios, comunistas, ciganos e judeus da região dos Balcãs para os campos de trabalho e extermínio no território do *Reich* (HILBERG, 2016). Waldheim nunca negou a sua participação no grupo, mas afirmou desconhecer os genocídios levados adiante por seus pares. A este comentário de Waldheim que parece ser direcionado o trecho da longa passagem que citei no início do artigo: “não há dúvidas que quem passou por ali [a respeito dos membros do *Heeresgruppe E*] sabia de algum modo de tudo que acontecia nos *Lagern* da Ustasha, assim como também sabia das coisas inéditas que ocorreram no decurso da campanha Kozara contra os partidários de Tito” (SEBALD, 1997, p. 121). Cabe ressaltar que o Congresso Mundial Judaico não apenas denunciou Waldheim pela sua participação no *Heeresgruppe E*, como o considerou responsável direto pelo extermínio em massa de sérvios e comunistas em Kozara.

A inserção sutil da figura de Waldheim no momento final deste capítulo do livro ressalta como a exposição do genocídio sérvio serviria à uma leitura da História a partir da ótica dos vencidos, renunciando seu elemento épico, a partir do presente. Cabe recordar que o narrador insiste em destacar que as Nações Unidas – mesma organização que se colocou *ativamente* a favor da criação do Estado independente croata, mas contrária à criação posterior de um Estado sérvio – teve durante um longo e recente período de tempo como líder um homem que trabalhou para o governo nazista auxiliando diretamente a perseguição sérvia pela Ustasha e sendo indicado por tribunais internacionais como o responsável pelo massacre de Kozara. Waldheim, isto posto, entra no fluxo narrativo como uma figura que sintetiza o movimento crítico desenvolvido ao longo das páginas anteriores, tornando mais evidente a relação telescópica entre passado e presente.

Esta leitura particular da história, devo novamente ressaltar, não parece ter como objetivo tomar partido em um dos lados do conflito iugoslavo, mas expor as contradições e o alto teor de complexidade histórica da questão para além das narrativas oficiais unilaterais e, em muitos casos, maniqueístas, que estavam sendo construídas no período (MIRKOVIC, 2000), apontando, deste modo, para a complexidade histórica e social dos acontecimentos presentes, que não podem ser limitados na falsa antítese antimaterialista que tem no par vítima/perpetrador uma forma de individualizar os conflitos sociais e despi-los de suas causas econômicas, materiais e históricas. A própria narrativa que transforma um dos múltiplos fatores constitutivos do conflito iugoslavo – a guerra étnica – em seu fator uno e totalizante, narrativa esta desprovida de seu caráter histórico e político, é por si só o que o próprio Benjamin já apontava como uma história feita a partir da ótica dos vencedores. Afinal, a exclusão proposital do processo histórico e político, feita pela imprensa ocidental e apoiada institucionalmente pela ONU, não seria precisamente a narrativa dos vencedores da recém terminada Guerra Fria, nos esforços de excluir de vez os últimos focos de resistência socialista do mundo? Não quero dizer, com isso, que haveria nessa construção um apoio *direto* por parte das nações capitalistas à Ustasha e ao nacional-socialismo ao longo da década de 1990, mas haveria certamente um *oubli manipulé* (RICOEUR, 2000) que permitiu, por exemplo, que uma ordem discursiva similar à do nacionalismo croata da década de 1930 reflorescesse naquele momento – apologia muito similar à que permitiu a glória política de Waldheim na Áustria, na ONU e no Vaticano.

A dialética contra a reificação

É proveitoso pensar como o método de leitura do processo histórico feito por Sebald em *Os Anéis de Saturno* é dinâmico, não se fecha em si mesmo e no seu tempo: apesar do passado ser algo que não se modifica, seu conhecimento está em transformação incessante e a luz sobre ele lançada leva em conta a participação do presente como ponto referencial primordial. A partir dessa aplicação própria do método benjaminiano diagnosticado em Sebald, procurei demonstrar brevemente como o pensamento do filósofo possibilita uma reflexão ampliada e desmistificadora do material histórico, assim como uma reinterpretção do presente levando em conta a sua centralidade na compreensão de um complexo e incompleto processo histórico. Cabe ressaltar, no

entanto, que um ponto de relevância do método benjaminiano estaria excluído de sua aplicação como elaborada por Sebald em *Os Anéis de Saturno*: a abertura do futuro. A visão de totalidade da História de Benjamin é atravessada por uma componente messiânico-revolucionária (LÖWY, 2005). O presente como ponto de referência em Benjamin é necessariamente o local que polariza o fato histórico (BENJAMIN, 2018). Neste sentido, o sujeito histórico do presente seria responsável tanto pelas gerações passadas quanto pelas futuras (BENJAMIN, 2005). Nutrindo até o fim da vida sua crença no poder messiânico da classe trabalhadora via revolução, Benjamin entendia que o dever do sujeito histórico do presente era o de redimir as gerações passadas e, através dessa redenção, anunciar o reino messiânico (ou seja, o socialismo) às gerações futuras.

Em 1940, quando as teses “Sobre o conceito de História” são escritas, era evidente que as tentativas da socialdemocracia não haviam parado a locomotiva destrutiva do progresso capitalista, que novamente mostrava a sua face mais violenta. No entanto, havia uma narrativa e um contraponto teórico-político que serviria de abertura para aquele contexto: a *práxis* revolucionária. O Messias encarnado na classe trabalhadora era o único capaz de suspender o *continuum* da História; de frear a locomotiva do progresso (BENJAMIN, 2005). Em Sebald não há Messias, nem reino messiânico, nem revolução redentora. Escrito na década de 1990, quando os horizontes revolucionários já não se encontram mais visíveis, *Os Anéis de Saturno* trata as ruínas da catástrofe passada e sua relação com ruínas do presente, sem, porém, tentar anunciar o Messias: afinal, isso seria uma mistificação. Se o passado em Sebald, como em Benjamin, é catastrófico, o futuro, por sua vez, parece fechado de possibilidades. Neste ponto é que a perspectiva sebardiana se aproxima da de seus contemporâneos: todos eles compartilham deste mesmo regime de historicidade de futuro não-utópico, resultante de uma derrota histórica (TRAVERSO, 2020). No entanto, por meio de um uso próprio da dialética passado-presente, Sebald responderia de maneira crítica à essa crise, indo pelo caminho oposto daquele feito por muitos de seus contemporâneos, que propunham uma aderência total ao presente. A este processo Hartog dá o nome de presenteísmo: um presente seguro de si, dominador e hipertrofiado:

[...] desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa. Produtividade, flexibilidade, mobilidade tornam-se as palavras-chave dos novos

administradores. Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. [...] O futurismo deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato. (HARTOG, 2019, p. 148)

Em outros termos, o presenteísmo é um presente que se constrói automática e obsessivamente como História do agora; como um catálogo de comportamento cotidiano que, ao mesmo tempo que controla o tempo, tenta suprimi-lo (Idem). Antidialético, o presenteísmo só recorre ao passado como memorialismo e patrimônio, o que, paradoxalmente, vem reificando e esvaziando a própria ideia de “dever de memória”. À medida em que a dialética memória-esquecimento é suplantada em prol de uma rentável saturação da memória, a noção de processo histórico é negada e o sentido coletivo da rememoração é substituído pelas narrativas ultra individuais. Assim, o que deveria se tornar uma reação crítica aos modelos totalizantes do pensamento Moderno, se torna uma nova forma de esvaziamento e controle da crítica (BROWN, 2011; HUYSSSEN, 2014) – ou seja, uma nova reificação.

O método de operar o presente em Sebald parece, portanto, ser de outra ordem: através da recuperação e atualização da presentificação (que é um antipresenteísmo) e da telescopagem de Benjamin, com inspirações nos *Annalés*, o autor responde a seu tempo contra o seu próprio tempo – o que seria justamente a tarefa daquele que é radicalmente contemporâneo ao seu tempo; daquele que lê as sombras de seu tempo onde os outros só leem luzes (AGAMBEN, 2009). Contra o presente saturado que mata o passado e se produz como história “em tempo real”; contra o presente imediatista das respostas rápidas e soluções maniqueístas, Sebald, por meio de seu método de leitura lento, suspende o tempo (BUENO, 2017). E, através de um uso próprio do materialismo dialético, reassume e aceita o caráter contraditório da História, onde o passado, aberto e não consumado, comparece, apesar de estar ausente; de ser irrecuperável em sua totalidade. O autor também retoma, de maneira própria, o método já assumido por Marx, mas também por Bloch, de ler a história de modo “invertido” – negando, no entanto, o futuro como síntese.

Deste modo, o exemplo de *Os Anéis de Saturno* serve para demonstrar também como a leitura dialética do processo histórico pode ser aplicada hoje de forma mediada e crítica, respeitando os limites e potencialidades do presente. Na falta de perspectiva e mobilização revolucionária, ao lado da falta de compreensão sobre o sentido dos eventos catastróficos que marcam o seu presente, Sebald fez uso de um método de montagem

muito próximo ao de Benjamin para recolocar a atualidade em lugar crítico, sem propor uma síntese fechada e futura no processo revolucionário. Logo, apesar de compartilhar do mesmo diagnóstico de autores a ele contemporâneos, que denunciam veementemente a lógica *événementiel* e a ideologia do progresso, o prognóstico de Sebald é distinto. Contra a narrativa do fim da história (FUKUYAMA, 1992), mas também contra as soluções que negam a história como processo e pressupõe a modernidade como superada (LYOTARD, 2009; GUMBRECHT, 2014), Sebald demonstra que o passado não é latente no presente (GUMBRECHT, 2014); que há questões e processos não concluídos; em curso. Em outras palavras, ao recuperar e atualizar o método dialético de leitura da História de autores a ele anteriores, Sebald parece responder às questões colocadas por seu presente imediato de maneira distinta da de muitos autores a ele contemporâneos.

Por meio da leitura retrospectiva, atualizando, intencionalmente ou não, os métodos de Bloch e Benjamin, onde o presente de elaboração do livro é o ponto referencial para o entendimento do passado, Sebald lê nas ruínas da história a continuidade de seu presente, que ecoa de modo cifrado nas páginas do livro: na narrativa na questão iugoslava, mas também, em outros momentos do livro, no genocídio de Ruanda, na crise ambiental, nos conflitos do IRA no Reino Unido, dentre outros. Este seria, portanto, um modo de ler a história a partir do presente, mas, diferente do que deseja o presenteísmo – tão corretamente criticado por Hartog (2019) –, mas também do que desejam as lógicas pós-modernas que supõe uma superação da modernidade e negam a dimensão processual da história para pressupor o presente como latente (LYOTARD, 2009; GUMBRECHT, 2014), o trabalho dialético desenvolvido por Sebald é também um modo de reconhecer nos eventos históricos do passado os processos ainda não concluídos. Assim, Sebald responderia às questões colocadas pelo seu tempo presente sem recair nas reificações e simplificações que surgiam naquele momento e que foram fortalecidas nas décadas seguintes.

Em suma, Sebald escrevia justamente em um contexto onde uma negação sistemática da dialética, hoje evidente em muitos modismos acadêmicos, vinha florescendo. O método de leitura da História proposto pelo autor surge, então, como uma forma capaz de responder à certas demandas de seu tempo, sem abrir mão do rigor crítico e sem recair nos processos de reificação em curso. Deste modo, acredito que o resgate de sua atualização da dialética serve ainda e principalmente hoje, em um momento de crise

global e local, como forma de resistência a certas tendências acadêmicas e artísticas notadamente antidialéticas e reificantes, tendências estas que nem começam a colocar questões sobre o nosso mundo contraditório, muito menos a tentam respondê-las.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALEXANDER, J. *The meanings of social life*. New York: Oxford University Press, 2003.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BENJAMIN, W. Edward Fuchs, colecionador e historiador. In: *O Anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, posição 1846-2742 (Edição Kindle).
- BENJAMIN, W. A Imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012b, p. 37-50.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.
- BLOCH, M. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOSNITCH, S. Ethnic, ecclesiastical and racial cleansing in Croatia, 1941-1945. *The South Slav Journal*, v. 18, n. 1-2, p. 109-110, 1997.
- BROWN, W. *Edgework: critical essays on knowledge and politics*. New Jersey: Princeton University Press, 2011.
- BUENO, A. *A pequena escala: Sebald e as mediações da memória*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.
- DORICH, W. *Jasenovac: then and now: a conspiracy of silence*. New York: Holocaust Resource Center, 1997.
- FINKELSTEIN, N. *A indústria do Holocausto*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GUMBRECHT, H. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- HILBERG, R. *A destruição dos judeus europeus*. Barueri, SP: Amariyls, 2016.
- HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HUYSSSEN, A. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

- KLEIN, K. W. G. Sebald e o Olho da História. *Cadernos Benjaminianos*, Belo Horizonte, v. 12, p. 108-120, 2016.
- LEFEBVRE, H. *The sociology of Marx*. New York: Random House Books, 1968.
- LE GOFF, J. *História & Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.
- LEYS, R. *From guilt to shame: Auschwitz and After*. Nova Jersey: Pinceton University Press, 2007.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, M. *La révolution est le frein d’urgence: essais sur Walter Benjamin*. Paris: Editions de l’éclat, 2019.
- LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MALCHER, B. Sombras do Progresso: dialética, história e materialismo em Os Anéis de Saturno, de W.G. Sebald. *Tese (doutorado)*. Rio de Janeiro: PPGCL/Faculdade de Letras/UFRJ, 2020.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MIRKOVIC, D. The historical link between the Ustasha genocide and the Croato-Serb civil war: 1991-1995. *Journal of Genocide Research*, v. 2, n. 3, p. 363-373, 2000.
- NOVICK, P. *The Holocaust in American life*. New York: Houghton Mifflin Co., 2000.
- RICOEUR, P. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- SILVA MELLO, L. ‘O historiador das consciências delicadas’: ficção, realidade e ética na obra de Henry James. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 75-89, dez. 2014.
- SEBALD, W. G. *Die Ringe des Saturn: Eine englische Wallfahrt*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, 1997.
- SEBALD, W. G. *Os Anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SEBALD, W. G. *Guerra aérea e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TRAVERSO, E. *Onde foram parar os intelectuais?*. Belo Horizonte; Veneza: Aynê, 2020.

Recebido em 20/12/2020

Aceito em 06/02/2021

¹ **Beatriz Malcher** é Pós-doutoranda em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, no qual desenvolve um estudo comparativo das leituras do conceito de História propostas por Erich Auerbach e Walter Benjamin. Doutora pela referida instituição, com a tese “Sombras do Progresso: dialética, história e materialismo em Os Anéis de Saturno, de W.G. Sebald” (MALCHER, 2020). **E-mail:** malcher.beatriz@gmail.com